



Leia outras
colunas em
[**zerohora.co/**](http://zerohora.co/)
[**joanacolussi**](mailto:joanacolussi)

Caio Cigana **INTERINO**
caio.cigana@zerohora.com.br
32184709

IMPORTAÇÃO DE MILHO DISPARA NO ESTADO

Frente à escassez no mercado interno, empresas das áreas de aves e suínos se jogaram a importar milho ao longo de 2016, levando os negócios a patamares recordes. No Rio Grande do Sul, no acumulado do ano até outubro, foram 231,8 mil toneladas, enquanto no mesmo período do ano passado a contabilidade mostrava somente 190 toneladas – isso, sem o mil! Os volumes também foram elevados no mês passado, de 62 mil toneladas, quatro vezes a mais do que em setembro.

E agora, com a disparada do dólar, que na sexta-feira roçou R\$ 3,50 – apesar de ter fechado a R\$ 3,39? Além da oferta interna nada folgada, o câmbio também pode incentivar mais exportações do grão, contribuindo para enxugar ainda mais o mercado. A sorte do setor de carnes, no entanto, é que a safra recorde nos Estados Unidos está conseguindo deixar os preços em patamares mais acomodados.

– O preço do milho está um pouco deprimido e isso está compensando a variação cambial – pondera Rogério Kerber, diretor-executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Suínos (Sips) do Estado.

Apesar de o setor se beneficiar das exportações, cerca de 80% da produção de suínos, por exemplo, é destinada ao mercado interno. O dólar alto também aumenta os custos da cadeia, como insumos veterinários e embalagens para a indústria. O setor, agora, fica atento às exportações brasileiras de milho para verificar para que lado deve pender a balança dos preços.

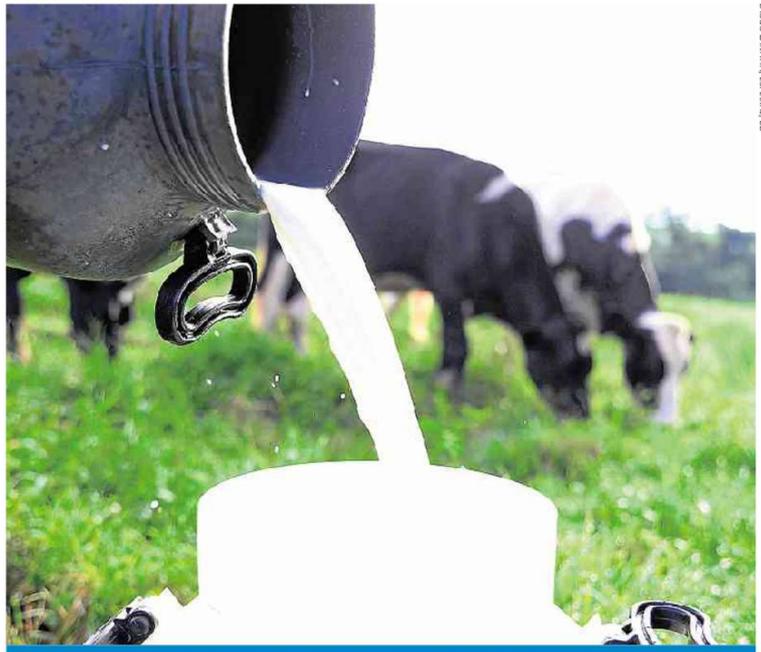
Os frigoríficos de aves e suínos também contam com um ingrediente extra nas rações. Como as cotações do trigo estão abaixo do preço mínimo, para desgosto dos agricultores, o cereal vem sendo uma opção na formulação de rações, embora em níveis de adição limitados.

COMPRAS NO EXTERIOR

Janeiro a outubro

Período	Volume (toneladas)
2016	231.879
2015	190,9
2014	656,6
2013	12.369
2012	5.704

Fonte: Mdic



DORIS ZAVANTTI, ESPECIAL, IBO

Enquanto no Brasil os criadores reclamam da queda do preço do leite pago pela indústria, os lácteos fizeram o índice global de preços da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) voltar a subir em outubro. O movimento global foi impulsionado por fatores como maior consumo de manteiga na União Europeia, elevando importações, e também alta nas cotações de queijos e leite em pó. Pelo lado da oferta, a FAO aponta queda constante de produção de leite na Europa e na Oceania, levando a uma previsão de mercado ainda mais apertado nos próximos meses.

O cenário mundial, entretanto, pouco

SOBE LÁ, CAI AQUI

vai ajudar os produtores brasileiros, avalia a zootecnista Juliana Pila, analista de leite da Scot Consultoria.

– Isso pode diminuir as importações brasileiras, mas falta muita coisa para melhorar na cadeia – sustenta Juliana.

A especialista lembra que, ao mesmo tempo, o Brasil está no período de maior produção, que se prolonga até janeiro, o que deve impedir melhor remuneração para os pecuaristas. Juliana ressalta que ainda é preciso esperar para ver se será eficaz a medida do Ministério da Agricultura que proibiu, no mês passado, a reidratação de leite em pó importado no Nordeste, Espírito Santo e norte de Minas Gerais.

DEU NO COURO

As exportações de couros e peles do país alcançaram US\$ 161,9 milhões em outubro, 2,3% acima do mesmo período do ano passado. Em comparação com setembro, a alta é 7,4%, mostram os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), com apuração da Inteligência Comercial do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB).

O Rio Grande do Sul lidera o ranking dos Estados que mais comercializam couro no mercado externo, com 21,6% em 2016. São Paulo está em segundo lugar, com 20,8%.

COP7

O futuro do tabaco

Joana Colussi – Direto da Índia
joana.colussi@zerohora.com.br

DIVERSIFICAÇÃO

Se o Brasil pudesse escolher um tema para priorizar na 7ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (COP7), certamente a diversificação estaria na ponta. E foi justamente o assunto que marcou a conferência global encerrada no fim de semana, na região metropolitana de Nova Délhi.

A atualização dos artigos que tratam da busca de alternativas à cultura tende a ter reflexos diretos no Brasil – segundo maior produtor mundial de tabaco. Com a indicação de que é preciso apoiar a transição com projetos, considerando aspectos sociais e ambientais, além da saúde pública, produtores voltam da Índia aliviados e na expectativa de ver a recomendação ser colocada em prática (leia mais na página 13).

CAOS NA BUSCA POR DINHEIRO

Em uma economia na qual 90% das transações são feitas em dinheiro e 24 milhões de notas ficaram sem valor monetário da noite para o dia, armou-se um caos. Desde a semana passada, quando foi anunciada medida para conter a lavagem de dinheiro, as notas de 500 e 1 mil rupias foram retiradas de circulação. Como resultado, a população ficou sem dinheiro para as necessidades básicas. Na corrida aos bancos para troca de cédulas, foi preciso enfrentar longas filas.



– A adoção do decreto foi surpresa para a população e, aparentemente, sem o sistema bancário estar preparado, gerou confusão parecida com o confisco do Plano Collor na década de 1990, porém mais pesada aqui por ter afetado todas as pequenas transações – compara o economista Aod Cunha, também na Índia nestes dias.

HAJA ÁGUA PARA TANTA PIMENTA

Na área de convivência da COP7, no Índia Expo Mart, garrafinhas de água eram distribuídas por todos os lados. Em evento promovido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), era de se esperar que não houvesse refrigerantes ou sucos industriais. A água em abundância foi muito bem-vinda, especialmente para aliviar o sabor extremamente picante da maioria das comidas.

O Ministério Público do Trabalho no Rio Grande do Sul (MPT-RS) vai manter em 2017 as ações de fiscalizações nos frigoríficos. A tarefa investiga as condições de trabalho nas indústrias do setor. Foram reservadas seis semanas para novas plantas. Desde 2014, o MPT já realizou 41 operações no Estado.